



## A “Expressão Desejada” de Manaus-AM no início do século XX: cenários, usos e repercussões sociais da prática fotográfica

---

*Camila Ferreira Braga<sup>I</sup>*

**Resumo:** Este artigo pretende, de modo sucinto, apresentar os cenários, os usos e repercussões sociais da fotografia na cidade de Manaus nas primeiras décadas do século XX, correlacionados ao contexto histórico em que esta prática social tornou-se manifesta. Procura-se, embasada em fotografias da época e periódicos, identificar que a prática fotográfica em Manaus era exercida para e pela elite local que se utilizava desse meio como instrumento de manutenção e legitimação dos seus códigos, costumes, discursos e interesses, construindo e materializando a imagem ou a expressão de autoafirmação da sociedade elitizada da época.

**Palavras-chave:** Fotografia; Manaus; Cenários; Usos; Repercussões

### The "Desired Expression" of Manaus-Am in the early 20th century: scenarios, uses and social repercussions of photographic practice

**Abstract:** This article intends to, so succinct, present the scenarios, the uses and social repercussions of photography in the city of Manaus in the first decades of the 20th century, correlated to the historical context in which it is social practice became apparent. Wanted, based on photographs and journals, to identify what the photographic practice in Manaus was performed for and by the local elite who used this medium as an instrument of legitimization of their codes and maintenance, costumes, speeches and interests, building and materializing the image or the expression of self-affirmation of the elite society of the time.

**Keywords:** Photography; Manaus; Scenarios; Uses; Repercussions

Artigo recebido em 01/02/2015 e aceito em 21/02/2015.

# A “EXPRESSÃO DESEJADA” DE MANAUS-AM NO INÍCIO DO SÉCULO XX: CENÁRIOS, USOS E REPERCUSSÕES SOCIAIS DA PRÁTICA FOTOGRÁFICA

CAMILA FERREIRA BRAGA

A fotografia, enquanto imagem, apresenta-se aos olhos humanos de maneira ambígua e passíveis a várias interpretações, sendo ela polissêmica, como cita Burke<sup>II</sup>. Daí os cuidados que se deve ter ao manusear um conjunto fotográfico ou apenas uma fonte visual, sendo ela: fotográfica, pintura, esboço de desenho e etc.

Porém, a polissemia que a imagem carrega não a isenta de sua importância como fonte histórica, na qual vem ganhando espaços nos campos de pesquisa na historiografia, antropologia, artes e sociologia. Pois, não é esta a condição que determina seu valor para a História.

Seu valor historiográfico está no fato de responder, a partir de problemáticas, o que os homens pretendiam com as fotografias de uma época e não o que as fotografias pretendiam em si. Ora, como já dizia Dubois (1994, p. 84)<sup>III</sup>: “[...] a foto não explica, não interpreta, não comenta. É muda e nua, plana e fosca. Boba, diriam alguns [...]”. Desse modo, a fotografia é um produto mudo, mas, acima de tudo, é uma “testemunha muda” da sociedade, como já sugeria Peter Burke (2003, p. 252)<sup>IV</sup>.

Desse modo, são os homens, em um contexto histórico específico, num determinado tempo, que dão sentido às coisas, inclusive, aos seus autos-retratos, as fotografias de famílias, as de negócios, as paisagens e etc. Para cada ato fotográfico existe uma relação social; existe o fotógrafo que capta o instante, a técnica utilizada, a pessoa que contratou seus serviços e o destino que ganhará a fotografia.

Em Manaus, no início do século XX, esta prática foi muito utilizada em diversos espaços da cidade, principalmente, pela elite local, como forma de identidade e como recurso ideológico de auto-afirmação.

É evidente que a prática fotográfica não se finda ou limita-se ao recorte temporal abordado, antes disso, já se podia identificar a prática fotográfica na cidade de Manaus, principalmente, através dos viajantes-fotógrafos que vinham para a região; no meio social da classe dominante em formação; e, por meio dos estúdios fotográficos ou lojas de tipografias existentes na cidade. Como se pode averiguar num anúncio do jornal do Rio Negro, de 19 de outubro de 1867:

ARTISTA PHOTOGRAPHICO TRAVESSA DA IMPERATRIZ Nº 10

Guilherme Potter, recentemente chegado nesta capital, participa ao respeitável público que já deu princípio aos seus trabalhos photographicos e como tenha trasido um grande e sortimento de caixas, quadros, passa-partute, envelops, e cartões, tira retrato do ponto menor ao maior, e por preço muito razoável, todos os dias das 7 da manhã ás 4 da tarde.

Manaós – Typografia de Mendes & Filho. Rua de S. Vicente nº 12. – 1867.<sup>V</sup>

Gusmão retrocede ainda mais, ela encontra evidências dessa prática no ano de 1858 num anúncio de um jornal que circulava na cidade de Manaus nesse período, o Estrella do Amazonas. A autora acredita que os fotógrafos pioneiros começaram a chegar ao Amazonas no final da década de 50 do século XIX, com espírito aventureiro na busca do exótico e “fugindo” do inchaço do mercado fotográfico das principais cidades brasileiras, além de que a fotografia, segundo Gusmão, irá influenciar a formação de um imaginário social entre o projeto modernizante burguês e o modo “tapuio” de ser da região.

O abaixo assignado avisa ao respeitável público que no dia 8 do corrente em diante principia a tirar retratos pelo systemadaguerreotypo<sup>VI</sup>, no sobrado sito praça da

# A “EXPRESSÃO DESEJADA” DE MANAUS-AM NO INÍCIO DO SÉCULO XX: CENÁRIOS, USOS E REPERCUSSÕES SOCIAIS DA PRÁTICA FOTOGRÁFICA

CAMILA FERREIRA BRAGA

Imperatriz ao lado da casa de Antonio Martins. Manaós, 4 de novembro de 1858. HipolitoMainette. (Estrella do Amazonas, 3 de novembro de 1858).<sup>VII</sup>

A prática fotográfica na cidade, segundos os periódicos analisados das primeiras décadas do século XX, torna-se evidente e, porque não, necessária para alguns, quando a cidade começa crescer em decorrência de uma economia e de um mercado nacional e internacional ligados à borracha, sendo seguido pela crise na economia gomífera devido à concorrência da borracha asiática.

Nesse período de euforia e retração econômica, Manaus se transforma nos ditames que muitos autores abordam de modernidade e, conseqüentemente, civilidade.

Na última década do século XIX, grandes obras públicas foram erigidas em Manaus, com a implantação de medidas que eram consideradas civilizadoras e modernizantes. Nesse momento, a sociedade local, ou pelo menos suas elites, iniciou uma identificação própria vista como representação da Belle Époque, enaltecendo a cidade de forma ufanística e objetivando suas sincronias com o que era avaliado como moderno e civilizado em eixos do sudeste e de fora do país. Foi com a imagem de prédios que se tornaram emblemática, na ocasião da transformação da cidade, que Manaus ficou conhecida como Paris das Selvas.<sup>VIII</sup>

A cidade e, conseqüentemente, a população adquire uma imagem de ambiente moderno, ou que precisa moderniza-se para ganhar status de civilização. Nesse sentido, fotografias da época retratam esses ares modernos, alguns álbuns<sup>IX</sup> são confeccionados a mando dos governantes em homenagem à celebração de uma Manaus moderna e civilizada; prédios e sua arquitetura são sempre marcantes nas imagens fotográficas da cidade; grandes casas comerciais e expoentes empresários fazem questão de expor sua imagem perante a sociedade.

Os próprios anúncios publicitários dos jornais em circulação na época retratam a importância que a fotografia tem, pois, ela mostra-se como um dos meios que leva a civilidade para aqueles que ainda não a possuem, devido sua técnica inovadora e seu caráter de representação do real.



FIGURA 1: JORNAL A CAPITAL/ Parte Comercial. Manaós, 24 de julho de 1917.(Arquivo: Hemeroteca Nacional)

# A “EXPRESSÃO DESEJADA” DE MANAUS-AM NO INÍCIO DO SÉCULO XX: CENÁRIOS, USOS E REPERCUSSÕES SOCIAIS DA PRÁTICA FOTOGRÁFICA

CAMILA FERREIRA BRAGA

Nesse sentido, uma das consequências do projeto modernizador da cidade de Manaus, além da paisagem urbana e dos comportamentos, são os vários estabelecimentos comerciais que surgem, inclusive ateliês fotográficos que ganham gosto pela população.

## PHOTOGRAPHIA PRIVILEGIADA

Referem de New York, que um industrial acaba de tirar privilegio de invenção de um aparelho photographico automatico.

Este aparelho pode tirar, ampliar, fixar e colar em cartão 60 retratos á hora.

A pessoa que desejar photographar-se, colloca-se em frente de um espelho e quando tiver encontrada a expressão desejada, carrega em um botão. Neste momento, um arco elétrico illumina-se e a photographia é tomada.<sup>X</sup>

De acordo com a citação acima, encontrar a “expressão desejada” em frente de um espelho e, em seguida, acionar o botão, aproxima-se da ação que presenciamos na contemporaneidade, o *selfie*<sup>XI</sup> ou o autorretrato, um assunto recente que merece ser estudado.

Porém, no início do século XX, onde “aparelho photographico automatico” era uma grande novidade tecnológica; e, a espera de carregar “um botão” até o “arco elétrico” iluminar-se e a fotografia, enfim, ter sido tomada, ganhando a imagem um status de privilegiada, significava para a sociedade manauara? Qual era sua função e que sentido ganhava no meio em que circulava? Enfim, qual era a “expressão desejada” da população de Manaus nas fotografias no início do século XX? A fotografia seria uma forma de expressão dos desejos e, portanto, de comunicação da sociedade da época?

De acordo com Ferraz (1991), a sociedade atribui à fotografia várias funções, de acordo com os interesses que a permeiam, sendo um instrumento e um bem de uso daquele que a domina: “[...] a fotografia, enquanto produto da técnica, expõe-se no rol de bens da civilização burguesa; ao mesmo tempo, é um instrumento para a exibição de outros bens, de espaços não conhecidos, do exótico e do civilizado [...]”.<sup>XII</sup>

Portanto, não são somente os famosos códigos de posturas instituídas nesse período vão impor ou guiar para uma normalidade e uma exemplar cidade moderna e civilizada, as imagens fotográficas também irão instituir e até materializar esse sentido social de moderno e civilizado da sociedade.

Pois, era preciso mostrar às outras cidades brasileiras e países estrangeiros que aquela vila ou “Cidade da Barra” (como Manaus era conhecida até meados do século XIX) estava pronta para receber qualquer pessoa ou negócios, pois lá tudo prosperava, tudo crescia, era a “Manaus da Belle Époque”.

Ao mais sofisticado prédio da cidade, como Teatro Amazonas, a uma pequena realização para lazer público. Manaus almejava torna-se evidente em todos os sentidos: “[...] Manaós progride de maneira assombrosa e em breve rivalizará com as cidades, as mais adiantadas.”<sup>XIII</sup>

# A “EXPRESSÃO DESEJADA” DE MANAUS-AM NO INÍCIO DO SÉCULO XX: CENÁRIOS, USOS E REPERCUSSÕES SOCIAIS DA PRÁTICA FOTOGRÁFICA

CAMILA FERREIRA BRAGA



**FIGURA 2:** Vista do Teatro Amazonas. Fotógrafo: Silvino Santos. Década de 20. Fonte: Arquivo Iconográfico do Museu Amazônico.

A fotografia aparece e integra-se nesse espaço como meio de afirmação do retrato modernizante de Manaus, autoafirmação e representação da elite manauara. São os prédios, os lugares e as pessoas retratados pelos fotógrafos que representam isso de modo bastante evidente. Os próprios anúncios, os fotógrafos e os espaços onde a prática fotográfica aparece não fogem desse olhar, uma vez que seu público consumidor era a elite local, os empresários, comerciantes e barões da borracha.



**FIGURA 3:** Família do empresário e comendador JG Araújo ao centro e nas laterais seus empregados. Fotógrafo: Silvino Santos. Década de 20. Fonte: Arquivo Iconográfico do Museu Amazônico.

Num dos anúncios publicitários da Revista ACA de 1926, retrata uma propaganda em formato de diálogo sobre um bazar esportivo da “CASA DA ESTRELLA DE OURO”, situado na Avenida Eduardo Ribeiro, nº 17, cujo proprietário é Pablo Novoa Rodrigues.

NO DIA DO SEU ANIVERSARIO NATALICIO

## A “EXPRESSÃO DESEJADA” DE MANAUS-AM NO INÍCIO DO SÉCULO XX: CENÁRIOS, USOS E REPERCUSSÕES SOCIAIS DA PRÁTICA FOTOGRÁFICA

CAMILA FERREIRA BRAGA

MARIO...Bôa tarde...Recebi teus ricos presentes, que são verdadeiros mimos, agradaram a todos, unicamente, Filoca e Laura, é que ficaram assim um pouco pensativas, assim com a cara de aborrecidas... Não sabes porque foi minha filha? Ellas receberam do Sul uns presentes, e julgavam que aqui em Manáos, ninguém tinha o direito de poder adquirir novidades, mas como sabes o BAZAR SPORTIVO, que é a unica casa no genero, recebe constantemente, da Europa as ultimas novidades pois ainda hoje eu tive ocasião de apreciar em seus mostruarios, a mais rica e variada collecção em Jarras de cores, bellissimos estojos de manicure, em carteiras e bolsas tanto para Senhoras como para Cavalheiros os mais modernos modelos em leques, biscuit e mil outros artigos todos proprios para presentes, um sortimento colossal. Não esquece de avisares ao PABLO, pelo Telephone nº 238, para que te diga a hora que debes ir tirar o retrato, pois já te convencestes que os retratos tirados no BAZAR SPORTIVO, além do gosto artístico, são de duração indefinida. É na Avenida Eduardo Ribeiro, nº 17. Telephone nº 238 – A casa da Estrella de Ouro de PABLO NOVOA RODRIGUEZ.<sup>XIV</sup>



FIGURA 4: Recorte da Imagem publicitária da Revista ACA de 1926

Com base neste anúncio e a figura que se segue, a imagem que se pretende formar de Manaus naquele período era de uma cidade próspera e comparável aos grandes centros urbanos da Europa e das cidades do sul do país. Podemos perceber na imagem retirada do anúncio que a distância que separa as pessoas, pertencentes a patente da elite, é a rua movimentada por carros e a população. Além disso, para quem tinha “telephone” distância alguma era motivo para não se comunicar, sendo esse meio de comunicação outro símbolo de identificação da camada privilegiada.

Perante a crise econômica da borracha que se inicia em 1910, surge uma necessidade mais proeminente de auto-afirmação da elite de Manaus, uma vez que desejavam manter seu espaço privilegiado e seu *status quo*, utilizando-se de vários símbolos de identificação e dos recursos que a fotografia possuía.

Independentemente da situação de crise vivenciada pelo Estado do Amazonas, a elite local insistia em que a cidade de Manaus continuasse sendo a vitrine por meio



# A “EXPRESSÃO DESEJADA” DE MANAUS-AM NO INÍCIO DO SÉCULO XX: CENÁRIOS, USOS E REPERCUSSÕES SOCIAIS DA PRÁTICA FOTOGRÁFICA

CAMILA FERREIRA BRAGA

da qual ela pudesse ser percebida pela mesma representação de seu período de prosperidade [...].<sup>XV</sup>

Um exemplo comparativo que vai ao encontro dos desejos de modernização é São Paulo, que no século XIX e início do XX também se constrói aos moldes modernizantes, “[...] é a visão do Brasil na óptica burguesa onde o particular torna-se exótico catalogado como curiosidade”<sup>XVI</sup>, em que a fotografia vai “[...] integrar-se de forma ativa na construção da imagem pretendida para a capital, não só pela difusão de seu novo desenho urbano [...] mas também por permitir a seleção de partes da cidade consideradas aptas à representação da ‘metrópole moderna’”.<sup>XVII</sup>

As fotografias também mostram que todo esse ufanismo da modernidade no espaço social de Manaus não ocorreu de modo harmonioso e sem contrastes. Surgiram focos de resistências a essa cidade que se construía sobre a população local e sua exclusão desse processo. As imagens fotográficas não somente materializam uma visão burguesa de ser dessa sociedade elitizada, mas servem como meio explícito ou implícito de grupos sociais que foram banidos de seus locais sociais de origem ou tiveram que se readaptarem as normatizações empreendidas pelas instituições locais em prol de um ambiente moderno e civilizado.

Lembremos o que diz Arlindo Machado em *Ilusão Especular*, especificamente, no capítulo de que trata sobre *Poder e arbítrio do ângulo de tomada*, sendo esta uma escolha ideológica em relação à posição que o sujeito ocupa em relação ao objeto fotografado, uma relação de classe e poder<sup>XVIII</sup>. O autor esboça que o ângulo de tomada estabelece uma hierarquia de valores, em que o enquadramento determina as coisas visíveis de maior importância que vão se estabelecer no primeiro plano e as coisas que não tem valor algum e são descartadas para um segundo plano ou não são nem enquadradas no ângulo da objetiva.

O espaço que o fotógrafo e sua câmera pretendem intervir já se encontra todo arquitetado por forças monopolizadoras e contraditórias, portanto, seu ato fotográfico não é neutro nem aleatório, pertencem a um conjunto de interesses e necessidades de um grupo ou de um conjunto de instituições dominantes.

Difícilmente encontra-se uma saída ou uma fuga dessa visão dominante. Quando acontece, ou é para afirmar um discurso de dominação ou para reproduzir os efeitos ideológicos do espaço social em contradição. Cabe a nós tentar desvendar seus sentidos determinados historicamente.

Santos faz isso no seu livro *Nem Tudo era Italiano*<sup>XIX</sup>, para identificar os pobres nacionais da cidade de São Paulo na virada do século XX ele analisa imagens fotográficas em seus planos e enquadramentos e percebe que o projeto modernizante da cidade de São Paulo ao retratar espaços privilegiados, como: prédios, praças e ruas principais; deixa aparecer em segundo plano os considerados pobres nacionais e que destoava da imagem de uma cidade moderna, tais como: as quitandeiras, as lavadeiras, os carregadores e etc.

A fotografia em Manaus sempre esteve aliada aos grupos dominantes da cidade, às famílias mais requintadas, aos empresários mais famosos e aos assuntos mais importantes que envolviam os desejos e interesses da elite local. Eventos, festividades, comércio, casos de polícia, fotografia médica e científica e a forma de propaganda, têm como público consumidor aqueles que querem a cada instante serem celebrados através das imagens, dos retratos, dos cartões de visita, como representações de uma sociedade modelo e sua expressão desejada.

Por mais que determinadas imagens pareçam retratar cenários contrário ao discurso do grupo social rico e propulsor de comportamentos e representações sociais modernos, ainda sim, podemos afirmar que a fotografia é uma relação que expressa o interesse de quem domina e monopoliza seu ato fotográfico.

## A “EXPRESSÃO DESEJADA” DE MANAUS-AM NO INÍCIO DO SÉCULO XX: CENÁRIOS, USOS E REPERCUSSÕES SOCIAIS DA PRÁTICA FOTOGRÁFICA

CAMILA FERREIRA BRAGA

Os estúdios fotográficos em Manaus no início do século XX, geralmente, estavam situados nas ruas principais da cidade e em locais privilegiados e mais movimentados pela população, não somente os estúdios fotográficos, mas os estabelecimentos comerciais de modo geral. Esses locais, também se apresentavam como cenários das representações das elites e de sua postura moderna e, também, do restante da população ainda que de modo minoritário e menos notado.

O estúdio fotográfico do fotógrafo Hipolito Mainette, por exemplo, estava localizado próximo a uma praça. Esta, um espaço social das encenações da elite manauara, em que se torna propício um “clique” ou o “olha o passarinho” das lentes dos fotógrafos. São lugares em que famílias ou grupos sociais diversos costumavam se reunir para lazeres e outros tipos de relações permissíveis para um registro fotográfico.

As praças remodeladas da cidade eram alguns dos espaços simbólicos que representavam, para segmentos específicos, o pitoresco da vida moderna e civilizada <sup>XX</sup>na convivência das áreas centrais da Manaus da Borracha. Tendo, nesses locais aprazíveis o ambiente de encontro de famílias e cidadãos [...]. <sup>XXI</sup>

A praça, enquanto espaço de lazer e representação da moderna Manaus, seria o local de exteriorização dos hábitos próprios da elite manauara. Ela seria um símbolo de concretização da vida moderna e civilizada, com comportamentos tidos como refinados “à moda francesa” ou para “inglês vê”.

Mas, não somente as praças seriam locais para prática fotográfica, outros locais, símbolos de ostentação da elite de Manaus também se faziam presentes como cenários das lentes dos fotógrafos, como: o teatro, as obras arquitetônicas, as avenidas e os bondes, as residências e empresas dos grandes empresários, os bosques e etc. A prática fotográfica também era presença marcante nos grandiosos eventos, como: casamentos, festejos comemorativos, reuniões políticas e etc.



**FIGURA 5:** Casamento de Agesilau Araújo, filho e sócio do Comendador Joaquim Gonçalves de Araújo. Fotógrafo: Silvino Santos. Arquivo Museu da Imagem e do Som do Amazonas



# A “EXPRESSÃO DESEJADA” DE MANAUS-AM NO INÍCIO DO SÉCULO XX: CENÁRIOS, USOS E REPERCUSSÕES SOCIAIS DA PRÁTICA FOTOGRÁFICA

CAMILA FERREIRA BRAGA

O espaço da produção fotográfica, bem como as experiências e eventos sociais envolvidos nesse conjunto eram tão diversificados que, o estabelecimento fotográfico situado na residência do Major Tapajoz oferece, além de outros serviços, registros fotográficos de pessoas falecidas.

Estabelecimento Photographico

Na casa onde mora o Ilm. Sr. Major Tapajoz continua-se tirar retratos pelos systemas mais modernos fotografia assim como mediante ajuste especial tira retratos em casa de particulares e de pessoas falecidas; concerta caixa de muzica galvaniza a ouro e prata por menos preço que em outra qualquer parte.<sup>XXII</sup>

Os festejos e datas comemorativas em Manaus também são alvos de tiragens fotográficas. Os fotógrafos que realizavam essas fotografias, geralmente, possuíam estabelecimentos próprios, um dos mais famosos e requisitados nesses eventos era: Photographia Mendonça.

A Superintendencia Municipal de Benjamim Constant fez aquisição de um retrato do sr.dr.AlcantaraBacellar, governador do Estado, para se colocado no salão nobre da mesma Superintendencia.

O trabalho foi executado na acreditada Photographia Mendonça, recommendando, pela sua perfeição, aquelle bem montado atelier, que dispõe de merecidas confiança e preferencia.<sup>XXIII</sup>

Outro estúdio fotográfico com grande credibilidade neste período na cidade de Manaus era a Photographia Alemã, ganhando premiações como medalha de ouro por sua atuação na Indústria de Manaus, atuando em vários eventos locais e nacionais. Este estúdio chegou a ter uma filial no Rio de Janeiro.

“Photographia Alemã” – premiada com grande premio na exposição de 1908 é medalha de ouro na Industrial de Manaós não é a que trabalha mais barato, porém, quem quizer um retrato artístico e bem acabado deve prefiri-la. O ateliê funciona todos os dias uteis das 8 às 17 horas e aos domingos e feriados somente às 15 horas. A photographia está instalada no prédio nº 88 da Avenida Eduardo Ribeiro, sobrado junto ao Odeon.<sup>XXIV</sup>

Portanto, o aparecimento, assim como, a expansão da prática fotográfica em Manaus esteve como dito, atrelados aos interesses da elite desta cidade. Os espaços e as experiências sociais em que o ato fotográfico esteve presente nas teias das relações sociais pontuaram os mais variados usos e funções que a fotografia acabou ganhando na sociedade, indo de pequenos registros familiares, cartões-de-visita, eventos importantes, construindo a desejável expressão para aqueles que utilizavam este meio para esse fim.

É esta elite moderna e civilizada que vai questionar e marginalizar qualquer comportamento que não seja condizente com sua nova postura, o que deixa transparecer a construção de uma elite permeada de representações e códigos que permitia, ao máximo, sua diferenciação dos outros grupos sociais e o estabelecimento de uma vida urbana moderna, seja pelo seu espaço geográfico ou a construção de novos comportamentos e relações sociais.

Portanto, a fotografia seria um código social de afirmação e representação da elite manauara, o que significa dizer que a prática fotográfica estava aliada aos grandes detentores do capital, os grandes empresários, políticos e comerciantes de Manaus, como meio de identificação, afirmação e difusão da vida moderna e civilizada de uma cidade que já foi, predominantemente, indígena e de costumes comuns.

# A “EXPRESSÃO DESEJADA” DE MANAUS-AM NO INÍCIO DO SÉCULO XX: CENÁRIOS, USOS E REPERCUSSÕES SOCIAIS DA PRÁTICA FOTOGRÁFICA

CAMILA FERREIRA BRAGA

Além disso, quem poderia pagar os serviços fotográficos senão aqueles que detinham dinheiro para o consumo de tais meios? “[...] a clientela destes fotógrafos era formada pela elite extrativista (seringalistas, donos das casas aviadoras etc.) mais a classe média emergente receptiva e consumidora dos modismos europeus [...]”.<sup>XXV</sup>

Foram os fotógrafos, considerados artistas, amadores ou profissionais na arte ou técnica fotográfica que dinamizaram essa prática pela cidade, desenvolvendo-a, principalmente, na parte elitizada do lugar, preenchendo álbuns fotográficos como arquivo de memória; transformando em cartões de visita, registrando uma Manaus com “ares” de modernidade, através dos seus prédios, do espaço geográfico de sua gente europeizada, de suas representações que iam se materializando nas imagens, constituindo assim, a expressão desejada da Manaus no início do século XX.

## Notas:

<sup>I</sup> Mestranda em História Social pela Universidade Federal do Amazonas – CNPQ. Email: [camila\\_braga8@yahoo.com.br](mailto:camila_braga8@yahoo.com.br)

<sup>II</sup> BURKE, Peter. O Testemunho da Imagem. In: \_\_\_\_ Testemunha Ocular: história e imagem. Tradução: Vera Maria Xavier dos Santos. EDUSC: Editora da Universidade do Sagrado Coração.

<sup>III</sup> DUBOIS, Philippe. O ato fotográfico e outros ensaios. Tradução Marina Appenzeller. – Campinas, SP: Papyrus, 1993.

<sup>IV</sup> BURKE, Peter. (ibdem)

<sup>V</sup> JORNAL DO RIO NEGRO – ANNO I E N° 94 – Manaós, 19 de outubro de 1867. Editor e principal Redator: o bacharel Manuel Pereira da Silva Brambilla.

<sup>VI</sup> O daguerreótipo, citado acima pelo anúncio do jornal, é descrito por Fabris como invenção dos franceses Niepce e Daguerre, ganhando espaço até a década de 50, quando outros processos de emissão de imagens à luz são criados. Mas, até então, a invenção vai se mostrar com grande sucesso por proporcionar uma representação fiel da realidade, em que a imagem ganha objetividade em contraposição à subjetividade das pinturas, além de formar-se através de um procedimento simples e com grande acessibilidade dado seus preços módicos. FABRIS, Annateresa. O circuito social da fotografia: estudo de caso I. In: \_\_\_\_ (org.). Fotografia: usos e funções no século XIX. São Paulo, Edusp, 1991.

<sup>VII</sup> Apud GUSMÃO, Dulce Milena Almeida. A fotografia no Amazonas de 1865 a 1903: a importância da fotografia na produção do imaginário dos atores sociais. (p.122)

<sup>VIII</sup> SANTOS JR., Paulo Marreiro dos. A Manaus da Borracha a Europa enquanto modelo. (s/p). Disponível: [www.anpuh.org/arquivo/download](http://www.anpuh.org/arquivo/download).

<sup>IX</sup> ÁLBUM MUNICIPAL DE MANAÓS. Elaborado na administração do Prefeito Araújo Lima, sendo Presidente do Estado o Exmo. Sr. Dr. Efigenio de Salles. AMAZONAS-BRASIL. 1929.

<sup>X</sup> O CORREIO DO PURUS. Lábrea, 21 de março de 1912. Redator e proprietário do jornal M. de Castro e Paiva.

<sup>XI</sup> Palavra em inglês, um neologismo com origem no termo self-portrait, que significa autorretrato. É uma foto tirada e compartilhada na internet. (Expressões em Inglês)

<sup>XII</sup> FERRAZ, Solange de Lima apud FABRIS, Annateresa(org.). O circuito social da fotografia: estudo de caso II. In: \_\_\_\_\_. Fotografia: usos e funções no século XIX. São Paulo, Edusp, 1991.(p. 79)

<sup>XIII</sup> JORNAL COMÉRCIO DO AMAZONAS. 20 de maio de 1900. Anno XXXII Número 200. Propriedade de Joaquim Rocha dos Santos, situado na Rua Henrique Martins.

<sup>XIV</sup> REVISTA DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DO AMAZONAS. Anno XVIII (2ª fase), número 133, Manaós, maio de 1926. Diretor Arthur Ferreira e Gerente Oswaldo Vianna.

<sup>XV</sup> BENTES, Dorinthe. Outras faces da história: Manaus: 1910-1940. – Manaus: Reggo Edições, 2012. (p.47-48)

<sup>XVI</sup> FERRAZ, Solange de Lima apud FABRIS, Annateresa(org.). O circuito social da fotografia: estudo de caso II. In: \_\_\_\_\_. Fotografia: usos e funções no século XIX. São Paulo, Edusp, 1991.(p. 79)

<sup>XVII</sup> FERRAZ, Solange. idem (p. 80)

# A “EXPRESSÃO DESEJADA” DE MANAUS-AM NO INÍCIO DO SÉCULO XX: CENÁRIOS, USOS E REPERCUSSÕES SOCIAIS DA PRÁTICA FOTOGRÁFICA

CAMILA FERREIRA BRAGA

---

<sup>XVIII</sup>MACHADO, Arlindo. A ilusão especular: introdução à fotografia. Editora Brasiliense s.a. São Paulo- Brasil. 1984.

<sup>XIX</sup>SANTOS, Carlos José Ferreira dos. Nem tudo era italiano: São Paulo e pobreza (1890-1915). Editora: Editora Annablume, 1998.

<sup>XXI</sup>SANTOS JR., Paulo Marreiro dos. A Manaus da Borracha a Europa enquanto modelo. (s/p). Disponível: <[www.anpuh.org/arquivo/download](http://www.anpuh.org/arquivo/download)>.

<sup>XXII</sup>JORNAL DO RIO NEGRO – ANNO I, N. 95, Manaós, 20 de outubro de 1857. Editor e principal redator – o Bacharel Manuel Pereira da Silva Brambilla.

<sup>XXIII</sup>JORNAL: A CAPITAL, quinta-feira, 6 de Setembro de 1917, p.2.

<sup>XXIV</sup>REVISTA DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DO AMAZONAS. Ano: XVIII, Manaós, 10 de maio de 1929.

<sup>XXV</sup>GUSMÃO, Dulce Milena Almeida. A fotografia no Amazonas de 1865 a 1903: a importância da fotografia na produção do imaginário dos atores sociais. INTERCOM – Revista Brasileira de Comunicação, São Paulo, Vol. XIX, nº 2, pág. 117-126, jul./dez. 1996. (p.124).

## REFERÊNCIAS

BENTES, Dorinethe. Outras faces da história: Manaus: 1910-1940. – Manaus: Reggo Edições, 2012.

BURKE, Peter. O Testemunho da Imagem. In:\_\_\_\_\_ Testemunha Ocular: história e imagem. Tradução: Vera Maria Xavier dos Santos. EDUSC: Editora da Universidade do Sagrado Coração.

DUBOIS, Philippe. O ato fotográfico e outros ensaios. Tradução Marina Appenzeller. – Campinas, SP: Papirus, 1993.

FABRIS, Annateresa. O circuito social da fotografia: estudo de caso I. In: \_\_\_\_\_ (org.). Fotografia: usos e funções no século XIX. São Paulo, Edusp, 1991.

FERRAZ, Solange de Lima apud FABRIS, Annateresa(org.). O circuito social da fotografia: estudo de caso II. In: \_\_\_\_\_. Fotografia: usos e funções no século XIX. São Paulo, Edusp, 1991.

GUSMÃO, Dulce Milena Almeida. A fotografia no Amazonas de 1865 a 1903: a importância da fotografia na produção do imaginário dos atores sociais. INTERCOM – Revista Brasileira de Comunicação, São Paulo, Vol. XIX, nº 2, pág. 117-126, jul./dez. 1996.

MACHADO, Arlindo. A ilusão especular: introdução à fotografia. Editora Brasiliense s.a. São Paulo- Brasil. 1984.

SANTOS, Carlos José Ferreira dos. Nem tudo era italiano: São Paulo e pobreza (1890-1915). Editora: Editora Annablume, 1998.

SANTOS JR., Paulo Marreiro dos. A Manaus da Borracha a Europa enquanto modelo. Disponível: <[www.anpuh.org/arquivo/download](http://www.anpuh.org/arquivo/download)>.